





*PATRICK MODIANO*

*NO CAFÉ DA  
JUVENTUDE PERDIDA*

*TRADUZIDO DO FRANCÊS POR  
ISABEL ST. AUBYN*

**ASA**  
L I T E R A T U R A

TÍTULO ORIGINAL  
**DANS LE CAFÉ DE LA JEUNESSE PERDUE**  
© 2007, Éditions Gallimard

*Este livro foi composto por  
GSamagaio, Porto,  
e impresso e acabado por  
**EIGAL***

**1.ª edição: Abril de 2009**

Depósito legal n.º 289718/09

ISBN 978-989-23-0454-0

**Reservados todos os direitos**

**Edições ASA II, S.A.**  
Uma chancela do Grupo Leya

**SEDE**

Rua Cidade de Córdova, 2  
2610-038 – Alfragide  
PORTUGAL

E-mail: [edicoes@asa.pt](mailto:edicoes@asa.pt)  
Internet: [www.asa.pt](http://www.asa.pt)

*A meio do caminho da verdadeira vida,  
encontrávamo-nos rodeados por uma an-  
gustiante melancolia, expressa por tantas  
palavras tristes e deprimentes, no café da  
juventude perdida.*

GUY DEBORD



**D**as duas entradas do café, ela utilizava sempre a mais estreita, a chamada porta da sombra. Escolhia a mesma mesa, ao fundo da pequena sala. Nos primeiros tempos, não falava a ninguém, depois travou conhecimento com os clientes habituais do Condé, a maioria dos quais tinha a nossa idade, entre dezanove e vinte e cinco anos, diria eu. Às vezes, sentava-se nas suas mesas, mas em geral, mantinha-se fiel ao seu lugar, bem ao fundo.

Não tinha hora certa para chegar. Podia encontrar-se lá de manhã muito cedo. Ou então surgir por volta da meia-noite e ficar até à hora do encerramento. Era o café do bairro que fechava mais tarde, juntamente com o Bouquet e o Pergola, e o que tinha a clientela mais estranha. Com o tempo, pergunto-me se não seria precisamente a sua presença que conferia ao local e às pessoas aquela estranheza, como se as tivesse impregnado do seu perfume.

Suponhamos que tínhamos sido transportados para ali de olhos vendados, instalados a uma mesa, libertos da venda e deixados à vontade durante alguns minutos antes de responder à pergunta: Em que bairro de Paris nos encontramos? Talvez bastasse observar os vizinhos e ouvir as conversas para

adivinhar: Nas imediações do carrefour de l'Odéon, que continuo a imaginar sempre nostálgico debaixo de chuva.

Certo dia, um fotógrafo entrou no Condé. Nada no seu aspecto o distinguia dos clientes. A mesma idade, a mesma indumentária descuidada. Um casaco demasiado comprido para a sua estatura, calças de algodão e pesadas botas de estilo militar. Tirou numerosas fotografias aos frequentadores do Condé. O fotógrafo tornara-se também ele um cliente e, para os outros, era como se tirasse fotografias de família. Muito mais tarde, surgiram num álbum consagrado a Paris tendo por legenda simplesmente os nomes ou apelidos dos clientes. E ela figura em diversas fotografias. Captava a luz melhor do que os outros, como se diz em linguagem cinematográfica. Entre toda a gente, é ela que vemos em primeiro lugar. Ao fundo da página, nas legendas, é identificada pelo nome «Louki». «Da esquerda para a direita: Zacharias, Louki, Tarzan, Jean-Michel, Fred e Ali Cherif...» «Em primeiro plano, sentada ao balcão: Louki. Atrás dela, Annet, Don Carlos, Mireille, Adamov e o Dr. Vala.» Mantém-se muito hirta, enquanto os outros exibem posturas descontraídas. O que se chama Fred, por exemplo, adormeceu com a cabeça encostada ao banco estofado de tecido sintético e, visivelmente, há vários dias que não se barbeia. Importa precisar o seguinte: o nome de Louki foi-lhe dado a partir do momento em que começou a frequentar o Condé. Encontrava-me presente numa noite em que ela entrou por volta da meia-noite e em que já só restavam Tarzan, Fred, Zacharias e Mireille, sentados à mesma mesa. Foi Tarzan que gritou: «Oh, chegou a Louki...» Primeiro, pareceu assustada, depois sorriu. Zacharias levantou-se e, num tom de falsa gravidade: «Esta noite, eu te baptizo. Doravante, chamar-te-ás Louki.» E, à medida que as horas passavam e que cada um deles começava a chamar-lhe Louki, creio que se sentiu



aliviada por usar aquele novo nome. Sim, aliviada. De facto, quanto mais medito, mais retomo a minha impressão inicial: ela refugiava-se ali, no Condé, como se quisesse evitar qualquer coisa, escapar a um perigo. Esta ideia ocorreu-me ao vê-la sozinha, lá no fundo, naquele lugar em que ninguém repararia nela. E quando se misturava com os outros, também não despertava as atenções. Permanecia em silêncio e reservada e limitava-se a ouvir. E pensei mesmo que, para maior segurança, preferisse os grupos ruidosos, os «barulhentos», pois de contrário não se sentaria quase sempre à mesa de Zacharias, de Jean-Michel, de Fred, de Tarzan e de la Houpa... Com eles, diluía-se no ambiente, era apenas uma comparsa anónima, daquelas que figuram nas legendas das fotos como «Pessoa não identificada» ou, mais simplesmente, «X». Sim, nos primeiros tempos, no Condé, nunca a vi a sós com ninguém. E depois, não havia nenhum inconveniente em que um dos barulhentos lhe chamasse Louki aos berros, visto que não era o seu verdadeiro nome.

Todavia, reparando bem, distinguiam-se certos pormenores que a diferenciavam dos outros. Vestia-se com um cuidado pouco habitual nos clientes do Condé. Certa noite, à mesa de Tarzan, acendeu um cigarro e fiquei impressionado pela delicadeza das suas mãos. E acima de tudo, pelas unhas brilhantes. Pintadas de verniz incolor. Este pormenor corre o risco de parecer fútil. Sejam os então mais sérios. Para tal, importa fornecer alguns pormenores sobre os clientes habituais do Condé. Tinham, pois, entre dezanove e vinte e cinco anos, excepto alguns clientes como Babilée, Adamov ou o Dr. Vala, que rondavam os cinquenta, mas a sua idade não contava. Babilée, Adamov e o Dr. Vala eram fiéis à sua juventude, àquilo a que podíamos chamar «boémia», um termo belo, melodioso e antiquado. Procuo «boémio» no dicionário: Pessoa que vive uma

existência vagabunda, sem regras nem preocupações com o dia seguinte. Uma definição que se aplicava bem àqueles e àqueles que frequentavam o Condé. Alguns, como Tarzan, Jean-Michel e Fred pretendiam já ter estado diversas vezes a braços com a polícia desde a adolescência e la Houpa fugira aos dezasseis anos da casa de correcção do Bon-Pasteur. Mas estávamos na Margem Esquerda e a maior parte deles vivia à sombra da literatura e das artes. Eu era estudante. Não me atrevia a declará-lo e não me misturava muito com o grupo.

Sentira perfeitamente que Louki era diferente dos outros. De onde viera, antes de lhe chamarem assim? Muitas vezes, os clientes do Condé traziam um livro na mão, que pousavam de forma negligente na mesa e cuja capa se encontrava manchada de vinho. *Os Cantos de Maldoror*<sup>1</sup>. *Iluminações*<sup>2</sup>. *Les Barricades mystérieuses*<sup>3</sup>. Mas ela, de início, andava sempre de mãos a abanar. E depois, quis com certeza fazer como os outros e um dia, no Condé, surpreendi-a sozinha, a ler. A partir daí, o livro nunca mais a largou. Pousava-o bem em evidência no tampo da mesa, quando se encontrava na companhia de Adamov e dos outros, como se o livro fosse um passaporte ou uma autorização de residência que legitimava a sua presença ao lado dos outros. Mas ninguém lhe prestava atenção, nem Adamov, nem Babilée, nem Tarzan, nem la Houpa. Era um livro de bolso, de capa suja, daqueles que se compram em saldo nos cais e cujo título estava impresso em grandes caracteres vermelhos: *Horizonte Perdido*<sup>4</sup>. Naquele tempo, este título não me dizia nada. Devia ter-lhe perguntado de que tratava

---

<sup>1</sup> Autor: Isidore Ducasse, conde de Lautréamont. (*N. da T.*)

<sup>2</sup> Autor: Arthur Rimbaud. (*N. da T.*)

<sup>3</sup> Autor: Olivier Larronde. (*N. da T.*)

<sup>4</sup> Autor: James Hilton. (*N. da T.*)

o livro, mas pensei estupidamente que *Horizonte Perdido* representava para ela um acessório e que fingia lê-lo para se guiar pelo mesmo diapasão da clientela do Condé. Um transeunte que lançasse um olhar furtivo do exterior — e mesmo que apoiasse momentaneamente a testa contra o vidro — tê-la-ia considerado uma simples clientela de estudantes. Mas mudaria rapidamente de opinião ao reparar na quantidade de álcool que se ingeria à mesa de Tarzan, de Mireille, de Fred e de la Houpa. Nos tranquilos cafés do Quartier Latin, ninguém beberia assim. É verdade que, à tarde, nas horas mortas, o Condé podia iludir. Mas à medida que o dia avançava, tornava-se ponto de encontro do que um filósofo sentimental chamava «a juventude perdida». Porquê aquele café e não outro? Por causa da dona, uma Mme Chadly que parecia não se surpreender com nada e que manifestava mesmo uma certa indulgência para com os clientes. Muitos anos mais tarde, quando as ruas do bairro já só exibiam montras de estabelecimentos de luxo e uma marroquinaria ocupava o espaço do Condé, encontrei Mme Chadly na outra margem do Sena, a subir a rue Blanche. Não me reconheceu logo à primeira. Caminhámos lado a lado um longo momento a falar do Condé. O marido, um argelino, comprara o negócio depois da guerra. Lembrava-se dos nomes de todos nós. Costumava interrogar-se sobre qual teria sido o nosso futuro, mas nunca alimentara ilusões. Soubera desde o início que as coisas nos correriam mal. Cães vadios, disse ela. E, quando nos despedimos em frente da farmácia da place Blanche, confiou-me, fitando-me bem nos olhos: «Quanto a mim, quem eu preferia era a Louki.»

Quando se encontrava à mesa de Tarzan, de Fred e de la Houpa, beberia ela tanto como eles, ou fingiria, para não lhes desagradar? Em todo o caso, de busto direito, gestos lentos e graciosos, e sorriso quase imperceptível, aguentava bem o

álcool. Ao balcão, é mais fácil fazer batota. Aproveita-se um momento de distração dos amigos embriagados para despejar o copo no lava-louça. Mas ali, a uma das mesas do Condé, era mais difícil. Os outros obrigavam-nos a acompanhá-los no que bebiam. Mostravam-se extremamente susceptíveis e consideravam-nos indignos do grupo se não os seguíssemos até ao fim do que chamavam as «viagens». Quanto às outras substâncias tóxicas, julguei compreender, sem ter a certeza, que Louki as consumia, como alguns membros do grupo. Todavia, nada no seu olhar e na sua atitude sugeria que visitasse os paraísos artificiais.

Perguntei-me muitas vezes se algum dos seus conhecidos lhe falara do Condé antes de ali entrar pela primeira vez. Ou se alguém marcara encontro com ela naquele café e não comparecera. Louki, então, ter-se-ia postado, dia após dia, noite após noite, à mesma mesa, na esperança de encontrar o desconhecido naquele local que era o único ponto de referência entre os dois. Mais nenhum meio de o localizar. Nem endereço. Nem número de telefone. Apenas um nome. Mas talvez ali tivesse ido por acaso, como eu. Encontrava-se no bairro e precisava de se abrigar da chuva. Sempre acreditei que há lugares magnéticos que nos atraem quando nos encontramos nas proximidades. E de forma imperceptível, sem o sabermos. Basta uma rua inclinada, um passeio soalheiro, ou um passeio sombrio. Ou então um aguaceiro. E lá vamos nós, precisamente para o sítio onde tínhamos de ir. Julgo que o Condé, pela sua localização, possuía esse poder magnético e que, se fizéssemos um cálculo de probabilidades, o resultado o teria confirmado: num perímetro bastante extenso, era inevitável convergir para ele. Sei do que falo.

Um dos membros do grupo, Bowling, a quem chamávamos «o Capitão», lançara-se numa tarefa que fora aprovada

pelos outros. Há quase três anos que tomava nota dos nomes dos clientes do Condé, à medida que chegavam, sem se esquecer da data e da hora exacta. Encarregara dois amigos de fazer o mesmo no Bouquet e no Pergola, que continuavam abertos durante a noite. Infelizmente, nestes dois cafés, os clientes nem sempre queriam dizer o nome. No fundo, Bowing procurava salvar do esquecimento as borboletas que às vezes esvoaçam em redor de um candeeiro. Sonhava, dizia ele, com um imenso registo onde fossem apontados os nomes dos clientes de todos os cafés de Paris nos últimos cem anos, com a menção das respectivas chegadas e partidas. Era perseguido por aquilo a que chamava «os pontos fixos».

No fluxo ininterrupto de mulheres, de homens, de crianças, de cães que passam e acabam por se perder ao longo das ruas, era bom reter um rosto, de vez em quando. Sim, na opinião de Bowing, importava, no meio do *maelström* das grandes cidades, encontrar alguns pontos fixos. Antes de partir para o estrangeiro, dera-me o caderno onde se encontram inscritos, diariamente, ao longo de três anos, os clientes do Condé. Louki figura com este nome e é mencionada pela primeira vez num 23 de Janeiro. O Inverno, nesse ano, foi particularmente rigoroso e alguns de nós não se ausentavam do Condé o dia inteiro, para nos protegermos do frio. O Capitão também apontava os nossos endereços, de tal modo que era possível imaginar o trajecto habitual que conduzia cada um de nós ao Condé. Para Bowing, era mais uma maneira de estabelecer pontos fixos. Não menciona logo à primeira o endereço de Louki. Só num dia 18 de Março podemos ler: «Louki, 16, rue Fermat, *XIV<sup>e</sup> arrondissement.*» Mas a 5 de Setembro do mesmo ano o endereço já não é o mesmo: «23h40. Louki, 8, rue Cels, *XIV<sup>e</sup> arrondissement.*» Imagino que Bowing, nos grandes mapas de Paris, desenhava os nossos trajectos até ao

Condé e que, para tal, se servia de esferográficas de cores diferentes. Talvez quisesse saber se tínhamos alguma oportunidade de nos cruzarmos antes de chegar ao objectivo.

Justamente, lembro-me de ter encontrado Louki certo dia, num bairro que não conhecia e onde fora visitar um primo afastado dos meus pais. À saída da casa dele, quando me dirigia para a estação de metro Porte-Maillot, cruzámo-nos ao fundo da avenue de la Grande-Armée. Encarei-a e ela também me observou com um olhar inquieto, como se eu a tivesse surpreendido numa situação embaraçosa. Estendi-lhe a mão: «Já nos encontrámos no Condé», disse-lhe eu, e o café pareceu-me bruscamente do outro lado do mundo. Louki esboçou um sorriso comprometido: «Ah, sim... no Condé...» Foi pouco tempo depois da sua primeira aparição. Ainda não se misturara com os outros e Zacharias ainda não a alcunhara de Louki. «Estranho café, hem, o Condé...» Meneou a cabeça em sinal de aprovação. Demos alguns passos juntos e depois disse-me que morava ali, mas que não gostava nada do bairro. Foi um disparate, podia ter ficado a saber o seu nome naquele dia. Separámo-nos na porte Maillot, à entrada do metro, e vi-a afastar-se em direcção a Neuilly e ao bois de Boulogne, numa passada cada vez lenta, como para proporcionar a alguém a ocasião de a alcançar. Pensei que nunca mais regressasse ao Condé e que não voltasse a ter notícias dela. Louki desapareceria no que Bowling chamava «o anonimato da grande cidade», contra o qual pretendia lutar cobrindo de nomes as páginas do seu caderno. Um *Clairefontaine* de capa vermelha plastificada de cento e noventa páginas. Para ser franco, não adianta muito. Folheando o caderno, à excepção dos nomes e endereços dos fugitivos, não se fica a saber nada de todas aquelas pessoas nem de mim. O Capitão devia pensar que já era muito ter-nos nomeado e «fixado» algures. Quanto ao

resto... No Condé, nunca fazíamos perguntas uns aos outros a respeito das nossas origens. Éramos muito novos, não tínhamos um passado a desvendar, vivíamos no presente. Nem mesmo os clientes mais velhos, Adamov, Babilée ou o Dr. Vala aludiam alguma vez ao passado. Cingiam-se a estar ali, entre nós. Só hoje, decorrido todo este tempo, sinto uma falha: gostaria que Bowing tivesse sido mais preciso no seu caderno e tivesse consagrado uma breve resenha biográfica a cada um. Acreditaria realmente que, mais tarde, bastariam um nome e um endereço para reencontrar o fio de uma vida? «Louki. Segunda-feira, 12 de Fevereiro, 23 horas.» «Louki. 28 de Abril, 14 horas.» Também apontava os lugares que os clientes ocupavam à roda das mesas, todos os dias. Às vezes, não há apelidos nem nomes. No mês de Junho desse ano, escreveu três vezes: «Louki com o moreno do casaco de camurça.» Bowing não lhe perguntou o nome, ou talvez ele se tenha esquivado a responder. Aparentemente, não se trata de um cliente habitual. O moreno do casaco de camurça perdeu-se para sempre nas ruas de Paris, e Bowing limitou-se a fixar a sua sombra durante alguns segundos. Além de tudo isto, o caderno contém erros. Acabei por estabelecer pontos de referência que confirmam a minha ideia de que Louki não entrou pela primeira vez no Condé em Janeiro, como Bowing sugere. Lembro-me dela muito antes dessa data. O Capitão só a mencionou a partir do momento em que os outros começaram a chamar-lhe Louki, e suponho que, até então, não reparara na sua presença. Louki nem sequer teve direito a uma nota vaga do género «14 horas. Uma morena de olhos verdes», como o moreno do casaco de camurça.

Foi em Outubro do ano anterior que Louki fez a sua aparição. Descobri no caderno do Capitão um ponto de referência: «15 de Outubro. 21 horas. Aniversário de Zacarias. À mesma

mesa: Annet, Don Carlos, Mireille, la Houpa, Fred, Adamov.» Recordo-me perfeitamente. Louki também estava à mesa. Porque não teve Bowling a curiosidade de lhe perguntar o nome? Os testemunhos são frágeis e contraditórios, mas tenho a certeza de que Louki se encontrava presente naquela noite. Tudo o que a tornava invisível aos olhos de Bowling me impressionou. A timidez, os gestos lentos, o sorriso e sobretudo o silêncio. Encontrava-se ao lado de Adamov. Talvez a sua presença se devesse a Adamov. Cruzara-me muitas vezes com ele nas paragens do Odéon, e mais adiante, perto de Saint-Julien-le-Pauvre. Deslocava-se sempre apoiado no ombro de uma rapariga. Um cego que se deixa guiar. E, no entanto, parecia observar tudo, com o seu olhar de cão trágico. E, pensava eu, a rapariga que lhe servia de guia era sempre diferente. De guia ou de enfermeira. Porque não ela? Pois justamente nessa noite Louki saiu do Condé acompanhada por Adamov. Vi-os descer a rua deserta em direcção ao Odéon, Adamov com a mão no ombro de Louki e avançando no seu passo mecânico. Dir-se-ia que Louki receava caminhar demasiado depressa e às vezes marcava um compasso de espera, como se ele precisasse de retomar o fôlego. No carrefour de l'Odéon, Adamov apertou-lhe a mão de uma maneira algo solene, antes de a ver desaparecer na boca do metro. O homem retomou o seu andar de sonâmbulo em direcção a Saint-André-des-Arts. E ela? Sim, Louki começou a frequentar o Condé no Outono. E não foi com certeza por acaso. Para mim, o Outono nunca foi uma estação triste. As folhas secas e os dias cada vez mais curtos nunca me recordaram o fim de alguma coisa, antes uma expectativa do futuro. Há electricidade no ar, em Paris, nas tardes de Outono, à hora em que cai a noite. Mesmo quando chove. Não fico deprimido, nem tenho a impressão de que o tempo me foge. Sinto que tudo é possível. O ano começa no



mês de Outubro. É o início das aulas e julgo ser a estação dos projectos. Portanto, se Louki entrou no Condé pela primeira vez em Outubro, foi por ter rompido com uma parte da sua vida e querer COMEÇAR DE NOVO, como se lê nos romances. De resto, há um indício que me leva a pensar não estar equivocado. No Condé, deram-lhe um novo nome. E Zacharias, nesse dia, falou mesmo de baptismo. Um segundo nascimento, de algum modo.

Quanto ao moreno do casaco de camurça, infelizmente não figura nas fotografias tiradas no Condé. É pena. Acabamos sempre por identificar alguém graças a uma fotografia. Pode ser publicada num jornal ao mesmo tempo que se lança um apelo. Seria um membro do grupo que Bowing não conhecia e cujo nome teve preguiça de apontar?

Ontem à noite, folheei atentamente todas as páginas do caderno. «Louki com o moreno do casaco de camurça.» E apercebi-me, para minha grande surpresa, de que não fora só em Junho que o Capitão citara o desconhecido. Ao fundo de uma página, garatujou à pressa: «24 de Maio. Louki com o moreno do casaco de camurça.» E deparamos com a mesma legenda duas vezes, em Abril. Perguntei a Bowing por que razão, sempre que se tratava dela, sublinhava o nome a lápis azul, como para a distinguir dos outros. Não, não fora ele. Num dia em que se encontrava ao balcão e apontava, no caderno, os clientes presentes na sala, um homem de pé ao seu lado surpreendera-o na sua tarefa: um tipo de cerca de quarenta anos, que conhecia o Dr. Vala. Falava numa voz suave e fumava tabaco louro. Bowing sentira-se à vontade e dirigira-lhe algumas palavras sobre o que chamava o seu Livro de Ouro. O outro mostrara-se interessado. Era «editor de arte». Sim, conhecia o homem que tirara fotografias algum tempo antes, no Condé. Propunha-se publicar um álbum sobre o

assunto, que se intitularia: *Um Café de Paris*. Importar-se-ia de lhe emprestar o caderno até ao dia seguinte, pois poderia ajudá-lo a escolher legendas para as fotos? No dia seguinte, devolvera o caderno a Bowling e não voltara a aparecer no Condé. O Capitão surpreendera-se ao ver o nome Louki sempre sublinhado a lápis azul. Quis saber mais e fez algumas perguntas ao Dr. Vala sobre o editor de arte. Vala mostrara-se espantado. «Ah, ele disse que era editor de arte?» Conhecia-o superficialmente, por se ter cruzado com ele na rue Saint-Benoît, em La Malène e no bar do Montana, onde chegara a jogar algumas vezes com ele ao quatrocentos e vinte e um. O tipo frequentava o bairro há muito tempo. Como se chamava? Caisley. Vala parecia um pouco embaraçado ao falar dele. E quando Bowling aludira ao caderno e ao nome Louki sublinhado a lápis azul, perpassara pelo olhar do médico uma expressão inquieta. Fora um episódio muito fugaz. Depois sorri-la. «Deve interessar-se pela rapariga... É tão bonita... Mas que ideia tão estranha, essa de encher um caderno com todos esses nomes... Divirto-me consigo e com o seu grupo, e com as vossas experiências de patafísica...» Confundia tudo, a patafísica, o letrismo, a escrita automática, as metagrafias e todas as experiências feitas pelos clientes mais literatos do Condé, como Bowling, Jean-Michel, Fred, Babilée, Larronde ou Adamov. «Além disso, é perigoso fazer uma coisa dessas», acrescentara o Dr. Vala numa voz grave. «Esse caderno parece um registo da polícia ou o expediente de uma esquadra. É como se tivéssemos sido apanhados numa rusga...»

Bowling protestara procurando explicar-lhe a sua teoria dos pontos fixos, mas a partir desse dia o Capitão ficara com a impressão de que Vala desconfiava dele e procurava mesmo evitá-lo.

Caisley não se limitara a sublinhar o nome de Louki. Sempre que «o moreno do casaco de camurça» era mencionado no caderno, havia dois traços a lápis azul. Tudo isto intrigara sobremaneira Bowing e levou-o a rondar pela rue Saint-Benoît nos dias que se seguiram, na esperança de dar de caras com o pretenso editor de arte, em La Malène ou no Montana, a fim de lhe pedir explicações. Não voltara a encontrá-lo. Ele próprio tivera de abandonar França algum tempo mais tarde e deixara-me o caderno, como se quisesse que eu prosseguisse a investigação. Mas agora é demasiado tarde. E depois, se todo este período por vezes se reaviva na minha memória, é por causa das perguntas que não obtiveram resposta.

Nas horas mortas do dia, ao regressar do escritório, e muitas vezes na solidão dos domingos à noite, ocorre-me um pormenor. Com a máxima atenção, procuro reunir outros e apontá-los no fim do caderno de Bowing, nas páginas que ficaram em branco. Também vou à procura dos pontos fixos. Trata-se de um passatempo, como outros fazem palavras cruzadas ou charadas. Os nomes e as datas do caderno de Bowing ajudam-me muito, evocam de tempos em tempos um facto preciso, uma tarde de chuva ou de sol. Sempre fui muito sensível às estações do ano. Certa noite, Louki entrou no Condé de cabelo a escorrer por causa de um aguaceiro ou das chuvas intermináveis de Novembro ou do início da Primavera. Nesse dia, era Mme Chadly que se encontrava ao balcão. Subiu ao primeiro andar, ao seu minúsculo apartamento, e regressou com uma toalha de banho. Como o caderno indica, encontravam-se reunidos à mesma mesa, nessa noite, Zacharias, Annet, Don Carlos, Mireille, la Houpa, Fred e Maurice Raphaël. Zacharias apoderou-se da toalha e esfregou a cabeça de Louki, antes de lha enrolar em turbante à volta da

cabeça. Sentou-se à mesa do grupo, obrigaram-na a beber um grogue, e Louki ficou até tarde com eles, de turbante na cabeça. À saída do Condé, pelas duas horas da madrugada, ainda chovia. Comprimimo-nos no vão da entrada e Louki continuava de turbante. Mme Chadly apagara a luz da sala e fora deitar-se. Abriu a janela da sobreloja e convidou-nos a subir e a aguardar em casa dela. Mas Maurice Raphaël respondeu-lhe, muito galante: «Nem pense nisso, madame... Temos de deixá-la dormir...» Era um belo homem moreno, mais velho do que nós, um cliente assíduo do Condé a quem Zacharias chamava «o Jaguar» por causa do andar e dos gestos felinos. Publicara vários livros, como Adamov e Larronde, mas nunca falávamos do assunto. Pairava um mistério em volta deste homem e acreditávamos mesmo que tivesse ligações com o mundo do crime organizado. A chuva redobrou de intensidade, uma chuva de monção, mas para os outros não era grave, visto que viviam no bairro. Em breve, eu, Louki e Maurice Raphaël éramos os únicos a permanecer abrigados. «Posso levá-los de automóvel?» propôs Maurice Raphaël. Corremos à chuva até ao fundo da rua, onde se encontrava estacionada a viatura, um velho *Ford* preto. Louki sentou-se ao lado do condutor e eu no banco de trás. «Quem é o primeiro a sair?» perguntou Maurice Raphaël. Louki indicou a rua onde morava, explicando que ficava para lá do cemitério de Montparnasse. «Então, vive nos limbos», observou ele. E creio que nenhum de nós compreendeu o que significava «os limbos». Pedi-lhe que me deixasse bastante depois do gradeamento do jardim do Luxemburgo, na esquina da rue du Val-de-Grâce. Não queria que ele soubesse exactamente onde eu morava, receando que me fizesse perguntas.

Apertei a mão a Louki e a Maurice Raphaël, pensando que nenhum deles sabia o meu nome. Eu era um cliente

muito discreto do Condé e mantinha-me um pouco afastado, contentando-me em ouvi-los. E bastava. Sentia-me bem com eles. O Condé representava, para mim, um refúgio contra tudo o que previa da monotonia da vida. Havia uma parte de mim mesmo — a melhor — que um dia seria obrigado a lá deixar.

— Tem razão em viver no bairro do Val-de-Grâce — disse-me Maurice Raphaël.

Sorria e aquele sorriso parecia exprimir gentileza e ao mesmo tempo ironia.

— Até breve — disse Louki.

Saí do automóvel e esperei que ele desaparecesse, mais adiante, em direcção a Port-Royal, para retroceder caminho. Na verdade, não morava propriamente em Val-de-Grâce, mas um pouco mais abaixo, no número 85 do boulevard Saint-Michel, onde, por milagre, encontrara um quarto à chegada a Paris. Da janela, via a fachada escura da minha escola. Naque-la noite, custava-me desviar o olhar daquela fachada monumental e da grande escadaria de pedra da entrada. Que pensariam eles se soubessem que quase todos os dias subia aquela escada e que era aluno da Escola Superior de Minas? Zacharias, la Houpa, Ali Cherif ou Don Carlos sabiam ao certo o que era a Escola Superior de Minas? Teria de guardar segredo ou arriscar-me-ia a que troçassem ou desconfiassem de mim. Que representava para Adamov, Larronde ou Maurice Raphaël a Escola de Minas? Nada, sem dúvida. Aconselhar-me-iam a não continuar a frequentar tal sítio. Se passava muito tempo no Condé, é porque queria ouvir esse conselho, de uma vez por todas. Louki e Maurice Raphaël já deviam ter chegado ao outro lado do cemitério de Montparnasse, à zona a que ele chamara «os limbos». E eu deixei-me ficar às escuras, de pé, encostado à janela, a contemplar a fachada escura. Dir-se-ia que era a gare desactivada de uma cidade de província.

Nas paredes do edifício contíguo, viam-se marcas de balas, como se ali tivessem fuzilado alguém. Repetia em voz baixa as quatro palavras que me pareciam cada vez mais insólitas: ESCOLA SUPERIOR DE MINAS.